

Continente diverso

TEXTO FELIPE EWALD

FOTOS ROCHELE ZANDELLI
E GUSTAVO DIEHL

A ligação da cultura brasileira com a África, apesar de evidente, é com frequência negligenciada. Ainda que se façam alusões a raízes no passado, pouco se difunde de informações sobre a realidade contemporânea. O JU buscou, inserido nesse espírito, conversar com cidadãos de países africanos que vivem em Porto Alegre para refletirem sobre os grandes desafios vividos por suas nações atualmente e como estes impactam na vida da população. Se a realidade que emerge das falas é dura e aponta as deficiências que os países ainda enfrentam, é justamente pela riqueza e diversidade das informações que a reportagem busca se distanciar da imagem homogênea regularmente construída na mídia e associada a guerras, fome e doenças. Os relatos revelam pessoas orgulhosas de seus países e culturas e dispostas a contribuírem para a transformação de suas sociedades a partir dos conhecimentos e experiências acumulados no Brasil.

Desafios do continente o



GUSTAVO DIEHL/SECOM

Mamadú Mutaro Embaló

Desde 2010 fora de Guiné-Bissau, formou-se em Biblioteconomia na UFRGS. Atualmente, estuda para ingressar no mestrado.

“O maior problema em Guiné-Bissau são os governantes. Parece que há como que uma cooptação destes pelos colonizadores. Como se houvesse um acordo do tipo: ‘você vai manter todos os modelos econômicos e políticos que favorecem a metrópole, e a gente, em troca, te ajuda a permanecer no poder’. Desde a independência, nenhum governo ainda chegou a terminar seu mandato por conta de uma sequência de golpes de estado. O único presidente que não foi deposto por golpe morreu de uma doença crônica.

De 2012 para cá, vivemos um impasse político muito grande entre o presidente e o primeiro-ministro, que, por incrível que pareça, são do mesmo partido, mas não se dão bem. Então, não tem como haver desenvolvimento econômico e social se os governos não têm continuidade.

Essa situação de instabilidade política impacta todos os aspectos da vida da população. Por exemplo, o sistema educacional é muito defasado. Teoricamente, sabemos quais são os problemas, mas, sem estabilidade, não é possível criar políticas e programas para saná-los. Além disso, para que as outras áreas prosperem, é preciso uma boa educação. Mas enquanto o governo não está atuando, o país fica parado.

Muitos dos meus conterrâneos que estão aqui no Brasil têm desejo de se formar e voltar para ajudar o país. O problema é que não há condições favoráveis para voltar. Para isso, é preciso ter uma perspectiva. Esse é o meu caso: fiz a graduação, concluí uma especialização e agora estou cogitando o mestrado, enquanto não vejo uma saída para retornar, porque não adianta voltar e ficar parado lá. Isso gera uma fuga de recursos humanos qualificados.

Até há pouco tempo a população era muito passiva, mas hoje já há um movimento de jovens que faz passeatas e manifestações dentro e fora do país. Entretanto, ainda não há garantia de manifestação, então os atos podem ser reprimidos pela força policial.”

Riga Anilsa Borges da Silva

Doutoranda em Ciência Política na UFRGS, partiu de Cabo Verde em 2013 para fazer mestrado na Espanha e, há dois anos, vive no Brasil.

“As grandes questões que têm afligido a sociedade cabo-verdiana são o desemprego e, consequentemente, a violência. Somos uma das poucas nações no mundo que tem mais população na diáspora do que no próprio país. Essa particularidade faz com que a remessa monetária dos emigrantes tenha um papel fundamental na economia, a qual também se alicerça no turismo. Nesse sentido, a conjuntura internacional de crise e o fato de Cabo Verde ainda ser um país em desenvolvimento têm provocado instabilidade econômica.

A maioria dos jovens formados não consegue trabalho, em órgãos estatais ou privados, nem possibilidade de atuar de forma autônoma. A consequência disso é o elevado número de pessoas que têm estado a atuar à margem da lei, no mundo da violência.

Os desafios enfrentados atualmente são enormes e em quase todos os setores. Ainda assim, como cidadã, não poderia ter outro sentimento que não seja o de esperança. Digo isso porque acredito em nosso povo e sei que temos garra para trabalhar e construir um país melhor. No momento, sinto-me desafiada pelo desemprego, uma vez que essa situação deixa incerteza quanto ao meu futuro profissional.

Essa conjuntura fez com que eu aprendesse a valorizar as experiências que vivencio fora da minha terra durante esse período de formação acadêmica. De certa forma, espero canalizar as coisas boas que aprendi para o bem do meu país e colaborar de forma ativa. No que diz respeito à população em geral, acredito que o impacto dessa situação foi a descrença, principalmente dos jovens, nos sucessivos governos que têm dirigido o país. Os cabo-verdianos têm parecido esgotados face ao crescente desemprego e à propagação da onda de violência. Porém, não perderam esperanças. Em situações difíceis, a população tem apostado em empreendedorismo, principalmente as mulheres, que são as mais afetadas pela falta de trabalho. De igual modo, os cidadãos têm estado a pressionar os órgãos competentes para tomarem as devidas medidas de modo a diminuir a onda de violência.”



GUSTAVO DIEHL/SECOM



ROCHEL ZANONALI/SECOM

Agossou Djosse Ignace Kokoye (Kadi)

Fora do Benim há sete anos, atualmente cursa o mestrado em Desenvolvimento Rural na UFRGS.

“A questão mais relevante é encontrar formas de alavancar o Produto Interno Bruto (PIB), o que tem relação direta com o principal desafio no momento, que é a criação de empregos para os jovens, com atenção especial para o campo. No Benim, a agricultura representa mais de 70% do PIB.

Mesmo que o país tenha uma democracia estável, com forças políticas que se alternam e que respeitam os resultados das eleições, há certa instabilidade, pois o atual presidente, que tomou posse há pouco, está revendo tudo o que foi feito até hoje. Cancelou os concursos realizados pela gestão anterior, sob a alegação que estes teriam sido fraudados, afastando inclusive os servidores que já haviam tomado posse.

Por outro lado, a revisão das políticas traz expectativas de melhorias na educação. Há uma nova diretriz que prevê a realização de um exame nacional para os egressos de licenciaturas que os credenciará ou não ao exercício profissional. Com isso, busca-se uma melhora no setor, pois são comuns cursos de licenciatura, especialmente em instituições privadas, que não têm qualidade. Isso dará mais peso para a educação no Benim, que já tem reconhecimento na África francófona.

Apesar da limitação nas vagas de emprego em geral, enxergo boas oportunidades para atuar no Benim, já que sou engenheiro agrônomo, uma área que é muito valorizada. Há, no entanto, um número muito grande de pessoas que fizeram curso técnico em finanças ou contabilidade, por exemplo, e não encontram emprego, pois é um setor já saturado. É preciso diversificar, criar outros tipos de emprego, atrair mais indústrias, desenvolver-se no plano econômico.”

fricano

Geraldino Kanhanga

Desde 2005 fora de Angola, atua, há três anos, exclusivamente como músico.

“Após viver quase três décadas de guerra, Angola alcançou a paz em 2002. Esses últimos 15 anos são um tempo muito pequeno para o país se reconstruir. Continuamos nesse processo de retomada. Mesmo assim, para quem vivenciou a guerra civil, só o fato de não haver confrontos já é um avanço. Hoje o país vive certa paz, mas ainda existem muitos conflitos políticos e econômicos. Continuamos sendo um país emergente que ainda precisa de muito mais para se reconstruir socialmente.

Quando alguém me pergunta como é Angola, faço uma análise bem sintética: economicamente, é um país que tem bastantes recursos naturais; política e socialmente é degradado. A sociedade permanece à margem da miséria, em função da corrupção e da má distribuição de renda – Angola tem uma classe média insipiente. Outra causa que contribui para a falta de crescimento do índice de desenvolvimento humano é que o país depende exclusivamente dos rendimentos da extração de petróleo e diamante. Precisamos ampliar a participação dos setores secundário e terciário e ficar menos dependentes de importações.

Essa situação impacta muito na vida das pessoas. Acredito que se o país tivesse alguns mecanismos de desenvolvimento, hoje eu não estaria aqui no Brasil. Estou formado desde 2010 e já teria capacidade de exercer minha profissão dentro do mercado angolano. Em função da conjuntura do país, não há uma perspectiva de expansão desse mercado.

Para a população que vive em Angola, é mais complicado. Costumo dar um exemplo pessoal: há algum tempo, minha filha precisou de uma consulta médica, então a levei a um posto de saúde aqui em Porto Alegre. A médica solicitou um exame de sangue, que consegui marcar já para o dia seguinte. Em menos de uma semana, estávamos com o resultado do exame e levamos para a médica, que já receitou a medicação. Em Angola, talvez nem na rede privada conseguiríamos isso – mesmo pagando não se tem um atendimento qualificado. Aqui não preciso de muito para ter acesso a tudo o que um cidadão necessita – ainda que saiba que há problemas que muitas pessoas enfrentam no Brasil. No meu país, é preciso ter muito recurso para ter um atendimento de saúde assim. Isso afeta diretamente a população.”



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

Ìdòwú Akínrúli (Akin)

Músico da Nigéria que compartilha sua cultura em projetos da UFRGS, vive no Brasil há seis anos.

“Entre as maiores economias da África, a Nigéria é uma terra rica em vários elementos culturais, espirituais e econômicos. O desafio do país neste momento é achar alguém honesto que possa assumir o poder. O atual presidente até mostra ser honesto, mas seus assessores não estão deixando suas políticas fluírem. Recentemente, houve um bloqueio no fornecimento de gasolina para algumas regiões para impedir os desvios que estavam acontecendo. Isso afetou diretamente a população, que ficou um tempo desatendida.

Em termos espirituais e culturais, precisamos nos recuperar de uma perda de identidade. As pessoas sofreram uma lavagem cerebral desde a colonização inglesa. Na escola, os materiais utilizados são de fora e trazem a perspectiva do colonizador. Os alunos têm que usar um nome em inglês, comunicar-se nessa língua e estudar a religião cristã. Muitas famílias começaram a recusar seus nomes tradicionais. Os bebês já recebem nomes ocidentais. Ou seja, essa escolarização padronizada forçou a retirada de identidades, culturas e conhecimentos tradicionais.

No âmbito religioso, se os professores visitam as casas dos alunos e veem uma máscara que é símbolo dos ancestrais daquele povo, a associam ao diabo; forçam a família a se livrar dela. Antes da chegada do cristianismo e do islamismo, a população tinha sua religião tradicional, mas acabou perdendo a ligação com ela. Isso afeta a organização do povo.

Na Nigéria, temos desigualdade social, mas a gente não deixa de ajudar um ao outro. Essa é a diferença que percebo aqui no Brasil. Por exemplo, se eu estou em dificuldade no meu país, vou até um restaurante ou à casa de uma família e pergunto se podem me ajudar. Aqui chega ao ponto de as pessoas não quererem nem falar com você, já têm o ‘não’ pronto. Lá as pessoas são muito mais abertas para conversar, para tentar te aconselhar – mesmo que não possa ajudar com algo material, minha fala pode te ajudar a começar a pensar em uma saída.”

Titos Domingos Quembo

Graduado em Antropologia em Moçambique, cursa o mestrado em Políticas Públicas na UFRGS há um ano.

“Moçambique tem vários desafios em quase todas as áreas. A questão mais atual é a falta de recursos financeiros para manter o país em pé. Há dois anos assumiu um novo governo, e descobriu-se que a gestão anterior havia se envolvido em dívidas com o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) à revelia da Assembleia da República, que é a instituição que deve dar o aval a esse tipo de empréstimo.

Esse é o grande debate que a nação está a desenvolver agora, pois vive com quase 54% do seu orçamento dependente de ajuda externa. As instituições financeiras colocaram uma imposição para liberar novos recursos: o país deve garantir que essa dívida – por alguns considerada clandestina – será paga. Por um lado, os grupos sociais de massa, a Assembleia da República e outros atores sociais fortes dizem que o país não tem nada a ver com isso, que o ex-presidente e seu governo é que devem pagar esse empréstimo. Defendem que o caso seja julgado pela justiça. Já o governo atual aceita transformar essa dívida oculta em dívida pública, assumindo-a para conseguir novos empréstimos. Enquanto isso, o país vai enfrentando dificuldades, porque dependemos grandemente da ajuda externa.

Um efeito colateral da situação no âmbito da saúde pública – área que pesquiso – é a falta de coisas básicas, como medicamentos e profissionais contratados pelo sistema de saúde. Existe um número significativo de pessoas que estão a morrer de malária ou de tuberculose. São situações que não eram frequentes há cinco anos. Isso impacta muito na vida da população, porque os serviços básicos, como saúde e educação, não estão plenamente disponíveis. E a questão não está ligada ao status social ou ao estilo de vida da pessoa – mesmo tendo dinheiro, é difícil encontrar um serviço de saúde de qualidade, seja público ou privado. Quem pode, vai a países vizinhos, como a África do Sul, mas é uma burocracia que nem sempre vale a pena. Quando eu busco um serviço, ou não o encontro, ou ele não é da qualidade desejada, o que afeta diretamente na minha saúde e autoestima.”



GUSTAVO DIEHL/SECOM



Representação equivocada

Quando chegou ao Brasil em 2015, Nathanaël Mbou Ngouaka, jornalista da República do Congo, surpreendeu-se de encontrar músicas que tinham sonoridades muito similares às do seu país. Logo descobriu que o desconhecimento era mútuo, o que em boa parte se explicava, segundo concluiu, pela representação equivocada dos países africanos na mídia brasileira. “Ela é errônea, porque os meios de comunicação não mostram de forma apropriada o que é a cultura e a riqueza da África; enfocam apenas aspectos negativos. Cada país tem, é claro, seus problemas, mas em geral são lugares bons de se morar, com muitas coisas boas”, pondera.

Para o jornalista, a falta de conhecimento sobre a África – que faz com que, aqui no Brasil, a maioria das pessoas ache que lá só há fome e guerra – impede que os brasileiros se deem conta da identidade comum que existe com algumas culturas do continente africano. Nesse sentido, Kadi, mestrando em Desenvolvimento Rural do Benim, é taxativo: “Observando a mídia, ninguém sente vontade de ser africano”.

O músico nigeriano Akin é mais contundente em sua análise: “Quando vejo o que a mídia está fazendo, o jeito como a África é representada, concluo que é uma lavagem cerebral para que as pessoas afro-brasileiras, que têm vontade de conhecer sua terra de origem, fiquem sem coragem de fazer essa viagem – pensando que vão chegar lá e encontrar só bombas, fome, doenças”.

Essa constatação é ainda mais aprofundada pelo bibliotecário de Guiné-Bissau Mamadú Embaló ao correlacionar a imagem negativa que se constrói acerca do continente africano

à influência que isso tem na identidade dos povos negros no Brasil. “É como se fosse um recado da mídia brasileira para os negros: ‘Vocês estão vendo? De onde vocês vieram só há pobreza e miséria, então fiquem quietos que vocês são nada!’”, denuncia.

Para Riga da Silva, estudante de doutorado em Ciência Política, os meios de comunicação continuam a estigmatizar o continente africano como lugar de desastres sociais, econômicos e políticos. Como exemplo, ela cita uma matéria recente feita sobre seu país por uma emissora brasileira. “Nessa reportagem, entre vários outros assuntos descreviam o quão difícil era a vida em Cabo Verde devido à falta de água. No entanto, foram para uma ilha do arquipélago onde existem apenas alguns pardais. Eles colocaram água em uma tampa e os pássaros começaram a beber, enquanto isso, eles descreviam ‘a sede de sobrevivência’. Esse tipo de apresentação de África não é um problema só da mídia brasileira; em outros locais também é comum descreverem o continente como se fosse um país gigante e homogêneo. Ainda assim, essa realidade vem mudando à medida que aumenta o debate sobre pluralismo de identidades em cada país africano”, avalia.

A estudante salienta que o problema dessa uniformização é o fato de que assim se negligenciam os costumes, as tradições e as particularidades étnicas e políticas que compõem cada um dos 54 países do continente. Apenas em Guiné-Bissau, exemplifica Mamadú, numa população com menos de 2 milhões de habitantes, há 25 etnias diferentes. “Eu sou Fula, meu colega de apartamento é Balanta. Se eu quiser me comunicar com ele, preciso falar em crioulo, que é a

língua nacional, pois, caso contrário, um não entende o outro”, relata.

Ele ressalta que a África nunca foi uma coisa única, e a homogeneização que se faz acarreta prejuízos em diferentes aspectos. “Outro dia estava lendo uma notícia que dizia que a Organização Mundial de Saúde estava enviando especialistas para a África por conta do surgimento de um novo surto de ebola. No entanto, não especificava onde era exatamente. Essa generalização leva a uma associação automática: alguém que me encontrar na rua vai pensar direto em ebola. O problema é que o estereótipo que se gera alimenta o preconceito”, reclama.

Na vinda para o Brasil, também estava no horizonte de Akin a intenção de mostrar sua cultura, a qual, segundo ele, não é aquela que está na mídia. “Em geral, as pessoas no Brasil veem um africano e já pensam: ‘ah, ele está sofrendo, coitado’. Aqui não se retrata a tradição. Se essas informações estivessem na mídia, isso ajudaria as pessoas a entenderem mais sobre a África e compreenderem por que os países estão como estão”.

Kadi alude à forte ligação que existe entre o Brasil e o Benim, algo muitas vezes negligenciado pelo público brasileiro. “Temos no litoral, próximo à cidade de Ouidah, a Porta do Não Retorno, monumento que lembra a saída dos povos escravizados. Nessa cidade vivem muito descendentes dos povos escravizados levados ao Brasil e que voltaram para o Benim. Eles são conhecidos como agudás. Só bem recentemente é que descobri que o nome deles – da Silva, do Rego, dos Santos – é, na verdade, o sobrenome da família dos senhores de escravo”, complementa.